

# Exportadores defendem correção maior

Vendas externas poderiam ser beneficiadas, mas economistas temem volta da inflação

Patricia Duarte e Cláudia Schüffner

• SÃO PAULO e RIO. A aceleração do processo de desvalorização do real divide economistas e empresários. Enquanto os primeiros apostam em um processo inflacionário e na manutenção de juros altos caso o real se desvalorize com velocidade, existem empresários que enxergam aí a possibilidade de ganhar competitividade no mercado externo.

Assim, eles elevariam suas exportações e seus ganhos. Na avaliação do economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, a desvalorização da moeda brasileira criaria pressão inflacionária na economia, uma vez que o custo das importações crescería no mesmo ritmo.

Kawall lembra que a utilização de componentes importados na produção brasileira é grande e exemplifica com o setor automo-

bilístico, com nacionalização de até 50%.

Além disso, Kawall acha que a credibilidade do país seria abalada se houvesse mudanças na política cambial, já que poderia indicar para o mercado problemas financeiros maiores.

— O melhor para Brasil neste momento é manter a política cambial inalterada e não dar margens para mais quebra de credibilidade — afirmou Kawall.

O economista José Márcio Camargo, professor de economia da PUC-RJ, acha que o Governo brasileiro não deve, em nenhuma hipótese, fazer qualquer mudança na política cambial. Segundo ele, qualquer desvalorização, mesmo que controlada, resultaria em um descontrole total do processo.

— A manutenção do câmbio é fundamental para que te tenha um ajuste ordenado. O país vai ter que passar por um processo

de ajuste doloroso, que só poderá ocorrer se a política cambial for mantida. Senão, será o caos — afirma Camargo.

O vice-presidente do conselho de administração do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, pondera que será impossível fortalecer as exportações com os juros altos e o câmbio valorizado.

Em defesa de uma aceleração no ritmo de desvalorização do real, o presidente da Associação dos Fabricantes de Eletrônicos (Eletros), Roberto Macedo, argumenta que o empréstimo que o FMI deverá conceder para o país, que ele estimou em US\$ 20 bilhões, dará sustentação para que o Governo possa corrigir o câmbio.

Isso porque as reservas internacionais estariam mais resguardadas. Para Macedo, o melhor seria alargar ainda mais a banda

cambial.

— O ajuste do câmbio não deve ser abrupto, mas em algum momento ele terá de ser feito — afirma Macedo.

Para o economista-chefe do banco Santander, Dany Rappaport, mesmo que o Brasil ceda à pressão do FMI e imprima um ritmo de desaceleração de 1% ao mês — considerado marginal por ele — poucos resultados práticos poderão ser vistos.

Na avaliação de Rappaport, essa nova velocidade serviria apenas para dificultar a redução das taxas de juros. O economista acredita que, no momento, o melhor é cuidar dos gastos públicos e, deste modo, tentar diminuir o pagamento de juros.

Câmbio mais desvalorizado não significa manutenção de juros altos, na avaliação do diretor de relações com o mercado da Avipal, Códry Simões Pires. ■